

# O PROJETO BATUCLAGEM E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL POR MEIO DO BRINCAR: ABORDANDO O LÚDICO NO ENSINO DE CIÊNCIAS

Luiz Henrique Portela Faria<sup>1</sup>  
Ana Maria Dietrich<sup>2</sup>  
Vivili Maria Silva Gomes<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo visa analisar o uso de brincadeiras como instrumentos pedagógicos para o ensino de ciências às crianças. Para isto, foram consideradas as estratégias pedagógicas do Projeto de Extensão Batuclagem (PROEC-UFABC/2011-2016), que tem como base o ensino lúdico voltado à questão ambiental. Inicialmente, discute-se o aspecto lúdico no ensino de ciências com base em Vygotsky, Winnicott e Kishimoto. Adiante, apresenta-se os resultados da observação participante das oficinas do Projeto Batuclagem, analisando-os segundo a perspectiva sócio-interacionista. Dentre os resultados propostos, verifica-se a importância do brincar às crianças para o ensino de ciências, enquanto uma ação que potencializa o desenvolvimento dos processos superiores, propiciando memória, atenção, raciocínio lógico, expressão oral e corporal. Além disso, o brincar é um instrumento psicológico para imitação da realidade, o qual se apropria de signos e símbolos da cultura humana, permitindo que a criança empregue tais conhecimentos em situações socialmente construídas. Por fim, as brincadeiras podem auxiliar no desenvolvimento de habilidades para orientação social, subordinando comportamentos às regras de convivência social, educando para um comportamento racional e consciente.

**Palavras chave:** brincadeiras, ensino de ciências, ensino-aprendizagem, Batuclagem.

## THE BATUCLAGEM PROJECT AND THE ENVIRONMENTAL EDUCATION THROUGH PLAY: APPROACHING THE LUDIC ON SCIENCE TEACHING

**Abstract:** This article aims to analyze the use of games as pedagogical tools for teaching science to children. For this, we considered the pedagogical strategies used by the Batuclagem Extension Project (PROEX-UFABC/2011-2016), which is based on the playful teaching focused to environmental issues. Initially, it is discussed the ludic aspect on Science teaching based on Vygotsky, Winnicott e Kishimoto. Forward, it presents the results of participant observation of the Batuclagem Project workshops, by analyzing them according to the socio-interacionist perspective. Among the proposed results, it is verified the importance to play to children for science teaching, as a action that potentialize the development of superior processes, providing memory, attention, logical reasoning, oral and body expression. Moreover, the play is a psychological tool for imitation of reality, which appropriates signs and symbols of human culture, allowing the child to apply such knowledge on socially constructed situations. Lastly, the games can assist in the development of

---

<sup>1</sup> Mestre em Ensino, Filosofia e História das Ciências e Matemática. Universidade Federal do ABC – Brasil. luizhpfaria@gmail.com

<sup>2</sup> Pós-Doutora em Sociologia. Professora Adjunta do Centro de Ciências e Humanidades da UFABC – Brasil. ana.dietrich@ufabc.edu.br

<sup>3</sup> Doutora em Ciências. Professora Adjunta do Centro de Matemática, Computação e Cognição da UFABC – Brasil. vivilee.gomes@gmail.com

skills for social orientation, subordinating behaviors to social living rules, and educating for a rational and conscious behavior.

Key words: games, teaching science, teaching-learning, Batuclagem.

### **Introdução: O Projeto Batuclagem enquanto uma iniciativa em educação ambiental para crianças**

O Projeto de Extensão “*Batuclagem e a magia das histórias*”, desenvolvido pela Universidade Federal do ABC (UFABC), foi criado a partir da iniciativa de professores, funcionários e alunos da universidade, com o intuito de promover a sensibilização de crianças às problemáticas ambientais por meio da arte, a respeito das práticas cotidianas de preservação do meio ambiente.

O público alvo do Projeto é composto por estudantes de 7 a 11 anos das escolas públicas do Grande ABC Paulista, embora tenha se expandido a outros espaços, como creches e ONGs da região. O projeto iniciou-se em 2011, como uma iniciativa em educação não formal, tendo sofrido modificações em seu formato ao longo do tempo.

O objetivo do Batuclagem é estimular, de forma lúdica, a reflexão para mudança de posturas quanto à reciclagem do lixo (1), uso racional da água (2), uso racional de energia (3), a poluição do ar (4), a biodiversidade (5), e o lixo tecnológico (6).

A cada um dos temas citados adaptou-se uma história infantil clássica, tornando-as, respectivamente: Chapeuzinho Verde; O Boto Cinzento e o encanto das águas; A formiguinha sustentável e a cigarra trapalhona; A Bela Apodrecida e a poluição do ar; Acordei Curupira: a biodiversidade na Amazônia; O vai e vem do arco-íris e o lixo tecnológico (DIETRICH; PETERSEN, 2014).

O Projeto Batuclagem se propõe a realizar oficinas de educação ambiental em espaços formais e não formais de ensino. Utiliza-se da contação de histórias, brincadeiras tematizadas e outras estratégias metodológicas para cumprir os objetivos supracitados.

O aspecto metodológico na educação não formal requer muita atenção do pesquisador uma vez que está diretamente ligado ao processo de ensino-aprendizagem. Eles estão muito mais organizados ao redor da fala do que codificados na palavra escrita, havendo, portanto, grande necessidade de sistematizá-los e analisá-los (GOHN, 1999).

Tendo em consideração que atividades de sensibilização pela arte constituem-se como elementos facilitadores da aprendizagem infantil, este trabalho visa analisar as brincadeiras infantis como ferramenta metodológica para o ensino de ciências. Para isto, pretende-se neste artigo analisar as estratégias pedagógicas do Projeto de Extensão Batuclagem nas Escolas (PROEC - UFABC) e verificar, segundo a teoria sócio-interacionista de Vygotsky, se as brincadeiras aplicadas pelo Projeto nas oficinas são instrumentos eficazes para o ensino de ciências aos estudantes do Ensino Fundamental.

A observação participante das oficinas foi realizada como um meio para constituir o trabalho empírico. O método de observação participante visa coletar dados no contexto imediato em que estão sendo produzidos (MARCONI; LAKATOS, 2011). Foram registrados e descritos os procedimentos metodológicos dos monitores, sobretudo, a partir da relação com os alunos. Além disso, foi feita a análise do acervo documental do Batuclagem (composto principalmente de documentos audiovisuais, fotografias e filmagens) e elaborados questionários com 85 crianças participantes.

A metodologia de observação participante foi escolhida para elaboração deste trabalho, por ser considerada a mais adequada na compreensão deste estudo localizado. Foi possível, por meio dela, apreender informações pormenorizadas, por meio da vivência do contexto em que a oficina foi realizada. Desta forma, procurou-se registrar descritivamente as ações referentes às estratégias aplicadas, a reação dos participantes, o envolvimento entre os educadores do projeto e os monitores das instituições, bem como o registro das condições do local, horários, dentre outras anotações feitas, sobretudo, com relação às estratégias de ensino: descrição da forma como se aplicou as brincadeiras, apontamento dos materiais utilizados, o tempo destinado para o brincar etc.

### **O aspecto lúdico no Ensino de Ciências**

A criança sempre está brincando, ela é um ser lúdico, mas a sua brincadeira tem um grande sentido. Ela corresponde com exatidão à sua idade e aos seus interesses e abrange elementos que conduzem à elaboração das necessárias habilidades e hábitos. (Vygotsky)

O brincar está para a infância tanto quanto a infância para o brincar. Ainda em tenra idade a criança brinca ao ouvir o chocalho ou tentando pegar os brinquedos. Numa fase posterior, a criança brinca imitando os adultos, assimilando hábitos que serão vivenciados por ela própria adiante. Com o passar dos anos, a criança se apropria de brincadeiras mais elaboradas, entendidas por construtivas, pois vincula trabalho a ação criativa. Vygotsky, dissertando acerca das brincadeiras construtivas, menciona que

(...) são vinculadas ao trabalho com materiais, ensinam com precisão e correção aos nossos movimentos, elaboram milhares de habilidades mais valiosas, diversificam e multiplicam as nossas reações. Essas nos ensinam a nos propormos determinado objetivo e organizar os movimentos de modo a que estes possam ser encaminhados para a concretização desse objetivo. Assim, as primeiras aulas de uma atividade planejada e racional, de coordenação de movimentos, de habilidade para administrar e controlar nossos órgãos pertencem a esse tipo de brincadeiras. Elas são organizadoras e guias da experiência externa tanto quanto aquelas organizaram experiência interior (VYGOTSKY, 2010, p. 121).

As brincadeiras convencionais são as principais em termos de auxílio no desenvolvimento das funções superiores. Elas estão relacionadas à solução de problemas bastante complexos do comportamento, exigindo atenção, astúcia e criatividade.

A obra de Vygotsky (2014a), entre outras, assume um papel fundamental com respeito ao brincar. Para ele, definir o brincar como atividade que dá prazer às crianças é insuficiente, porque existem outras experiências que podem ser mais agradáveis a elas. O que atribui ao brincar um papel importante é o fato de ela preenche uma atividade básica da criança, ou seja, ela é um motivo para ação. A criança pequena, para ele, tem uma necessidade muito grande de satisfazer os seus desejos imediatamente. Quanto mais jovem é a criança, menor será o espaço entre o desejo e a sua satisfação.

Pode-se verificar no Projeto Batuclagem o uso de brincadeiras que possibilitam a imitação do mundo dos adultos, bem como as que exigem mais atenção, astúcia e criatividade, chamadas de convencionais na teoria Vygotskyana. Além disso, o Projeto adaptou brincadeiras clássicas infantis, como a brincadeira de ‘mímica’, ‘estátua’ e o ‘reizinho mandou’ (que se tornou ‘o lobo mandou’) com a intenção de potencializar a aplicação dos conteúdos veiculados durante a contação de história.

Analisando o brincar enquanto um instrumento para o desenvolvimento humano, Winnicott (1975) menciona que o brincar é essencial para a saúde física, emocional e intelectual da criança. Para ele, “*o brincar é por si mesmo uma terapia. Conseguir que as crianças possam brincar é em si mesmo uma psicoterapia que possui aplicação imediata e universal, e inclui o estabelecimento de uma atitude social positiva com respeito ao brincar*” (WINNICOTT, 1975, p. 83).

Os jogos e as brincadeiras ao serem bem vivenciadas tornam-se profícuos mediadores entre as crianças e seus relacionamentos, bem como com o mundo com a qual lidam. O brincar pode contribuir, num futuro, para o equilíbrio e a eficiência do adulto. Conforme escreveu Winnicott: “*É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua criatividade integral: e é somente sendo criativo*”

*que o indivíduo descobre o eu (self)” (1975, p.89). Ou ainda: “É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou adulto fruem sua liberdade de criação” (1975, p. 88).*

Em sua obra *O brincar e a realidade*, Winnicott propõe que o brincar está numa área potencial, isto é, intermediária, entre a realidade interna e a externa do ser humano. Conforme escreveu:

Minha reivindicação é a de que, se existe necessidade desse enunciado duplo, há também a de um triplo: a terceira parte da vida de um ser humano, parte que não podemos ignorar, constitui uma área intermediária de *experimentação*, para a qual contribuem tanto a realidade interna quanto a vida externa. Trata-se de uma área que não é disputada, porque nenhuma reivindicação é feita em seu nome, exceto que ela exista como lugar de repouso para o indivíduo empenhado na perpétua tarefa humana de manter as realidades interna e externa separadas, ainda que inter-relacionadas (WINNICOTT, 1975, p. 12).

O *Espaço Potencial* (WINNICOTT, 1975, p. 69) está situado entre o mundo psicossomático e a realidade concreta da criança, isto é, nem dentro, nem fora dela, mas numa área de intersecção que a equilibra e a harmoniza, pois propicia um viver criativo, único, extremamente real para ela, apesar de imaginário. “*A característica essencial do que desejo comunicar refere-se ao brincar como uma experiência, sempre uma experiência criativa, uma experiência na continuidade espaço-tempo, uma forma básica de viver*” (WINNICOTT, 1975, p. 84). “*A experiência criativa começa com o viver criativo, manifestado primeiramente na brincadeira*” (WINNICOTT, 1975, p. 159).

A intenção do Batuclagem não é uma mera memorização de conceitos científicos, mas de propiciar a aplicabilidade deles em situações-problemas criadas a partir das brincadeiras adaptadas para este fim. Assim, na imitação da realidade através das brincadeiras ou no faz-de-conta procura-se promover situações de ensino-aprendizagem na interação mútua.

Vygotsky nos assinalou que uma das funções básicas do brincar é permitir que a criança aprenda a elaborar e resolver situações conflitantes que vivencia no seu dia a dia. E para isso, ela lançará mão de capacidades como a observação, a imitação e a imaginação. É através da imitação que a criança constrói conceitos fundamentais para o desenvolvimento da autonomia. Autonomias emocionais, físicas e cognitivas. É imitando o adulto que a criança aprende a falar, internaliza valores, conceitos e papéis sociais (VYGOTSKY, 2000).

Concordando com Vygotsky, Tizuko Kishimoto, professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, em entrevista a respeito da *Importância do Brincar*, menciona que a brincadeira serve de mediador para apreensão de cultura humana. Além

disso, a brincadeira potencializa a afetividade, o desenvolvimento do corpo e formas de representação de si mesmo (KISHIMOTO, 2010).

Através da imitação representativa a criança vai ampliando sua percepção social ao lidar com regras e normas do grupo. Desenvolve a capacidade de interação e aprende a lidar com o limite e para tanto, os jogos com regras são fundamentais, principalmente a partir dos seis anos de idade aproximadamente. Neste sentido, o uso de artefatos que simulem a realidade torna-se um importante instrumento para o desenvolvimento da criatividade infantil, conforme diz Kishimoto:

Pode-se dizer que um dos objetivos do brinquedo é dar à criança um substituto dos objetos reais, para que possa manipulá-los. Duplicando diversos tipos de realidades presentes, o brinquedo metamorfoseia e fotografa a realidade, não reproduz apenas objetos, mas uma totalidade social. A realidade representada sempre incorpora algumas modificações: tamanho, formas delicadas e simples, estilizadas ou, ainda, antropomórficas (KISHIMOTO, 1994, p. 109).

Cabe destacar que o brincar é algo que se aprende a partir da interação social. Em cada cultura as formas de brincar são diferentes, por isso, a criança deve conviver em sociedade, em família, com outras crianças ou com adultos para que aprenda a brincar conforme a sociedade em que está inserida, adquirindo cultura lúdica. Por cultura lúdica entende-se o cabedal de conhecimento específico de crianças que brincam (KISHIMOTO, 2010).

O brincar é uma oportunidade para que a criança se desenvolva em suas faculdades e aprenda. Por meio das brincadeiras, a criança pode estimular sua curiosidade, tomar iniciativas e tornar-se mais autoconfiante. As brincadeiras potencializam descobertas e invenções, auto-realização e confrontações. Permite o desenvolvimento do pensamento e linguagem, proporcionando aprendizagem.

### **Descrição e análise das brincadeiras nas oficinas de educação ambiental do Projeto Batuclagem**

As oficinas do Projeto Batuclagem escolhidas como objeto deste estudo foram as que ocorreram entre os anos de 2014 e 2015, em instituições assistidas pelo Projeto Mesa Brasil. Em 2015, ano da realização das observações participantes foram realizadas dez oficinas, sendo duas ao mês, de julho a novembro. Cada oficina de Educação Ambiental tem duração de duas horas e contempla uma média de vinte e cinco crianças (pelo menos as oficinas

observadas entre setembro e novembro). Os locais são variados: salas de aula, salões sociais, anfiteatros, quadras esportivas etc.

A oficina possui um cronograma prévio de atividades a serem realizadas, iniciando-se sempre com a contação de histórias, seguida das brincadeiras (enquanto estratégias de ensino para aplicação dos conceitos científicos mencionados durante a contação) e a criação de instrumentos musicais a partir de materiais reciclados.

**Imagem 1 e 2:** Arte-educadoras contando história da Chapeuzinho Verde na oficina realizada na Instituição Assistencial de Educação Amélia Rodrigues. Santo André. 09.10.2015



Fonte: Acervo do Projeto Batuclagem – Ano: 2015.

No espaço onde ocorre a contação de história, os monitores (também denominados arte-educadores) cumprimentam os estudantes. Um “bom-dia” caloroso é a resposta esperada e, normalmente, ouvida. Eles apresentam-se às crianças. Estas já estão eufóricas e curiosas para saber o que acontecerá naquele momento.

Inicia-se a contação de história: os ouvintes ficam sentados ao chão e os contadores permanecem em pé. Por volta de vinte minutos depois, com a conclusão da contação, inicia-se uma série de gincanas, envolvendo as brincadeiras adaptadas para cumprir uma finalidade pedagógica: criar situações em que as crianças possam aplicar os conceitos científicos mediados pela contação.

Há diversas brincadeiras na oficina, das quais quatro foram selecionadas para este artigo. *O lobo mandou* é a primeira delas. Similar ao *Reizinho mandou*, na qual o condutor da brincadeira dá ordens (levantar o braço; sentar no chão; pular com um pé só etc.) e cabe aos que estão brincando, obedecê-las. Desta forma, caso a ordem dada não for precedida pela expressão “*o lobo mandou*” não era para ser feita. E se fosse obedecida, então, as

crianças devem sair e aguardar até que a última criança que permanecesse, ganhasse, e então a brincadeira fosse reiniciada.

**Imagem 03:** Brincadeira *O lobo mandou* sendo executada pelo arte-educador Paulo Pereira (com camisa azul, no centro da imagem) e Vitória Ribeiro (camisa vermelha). ONG Pequeno Cidadão, São Bernardo do Campo em 16.09.2015.



Fonte: Acervo do Projeto Batuclagem – Ano: 2015.

Por um lado, esta brincadeira propicia diversão, prazer e o lazer. Também agrega a capacidade de trabalhar os reflexos, o elemento inesperado, a iniciativa e a atenção dos participantes. Permite o desenvolvimento de raciocínio lógico, expressão oral e corporal, pois exige coordenação motora e percepção auditiva e visual da criança.

Esta brincadeira, por outro lado, é nociva à educação cidadã dos estudantes. Perceba que, o que a ela está propiciando é uma obediência cega às ordens recebidas. Não se deixa de considerar que há uma ênfase também com relação ao desenvolvimento da atenção daqueles que participam dela, uma vez que no momento de discernir quando se deve obedecer ou não, deve-se prestar atenção às ordens precedidas pela expressão “o lobo mandou”. No entanto, caso essas ordens não sejam cumpridas, as crianças são punidas, sendo colocadas para fora da brincadeira.

Maria da Glória Gohn (1999) defende a participação sociopolítica, isto é, a formação do indivíduo na interação com outro para uma mudança social. Receber ordens e executá-las sem pensar, sem questionamento, sem refletir se devem ou não ser aplicadas é ir contra o conceito fundamental de cidadania, uma vez que o indivíduo se torna uma máquina e não um cidadão consciente de seus direitos e deveres.



Vygotsky afirma que, o significado psicológico das brincadeiras corresponde com exatidão aos interesses infantis para elaboração de suas habilidades e hábitos posteriores. As brincadeiras, desta forma, “*contribuem para que a criança assimile ativamente aspectos da vida e organize a sua experiência interior neste sentido*” (2010, p. 121). Sendo assim, qual o tipo de comportamento será assimilado por estes estudantes que vivenciam uma brincadeira que fomenta o recebimento de ordens e sua execução sem reflexão?

Este autor destaca, entretanto, que sendo várias as mediações recebidas e essas nem sempre coincidentes, o sujeito é ativo, ou seja, ele tem condições de confrontar as várias mediações feitas e se decidir por uma delas. Assim, não necessariamente as crianças adotarão comportamentos sujeitos a ordens e, em outras situações, poderão vivenciar a possibilidade de reflexão.

A *toca do coelho* é outra brincadeira utilizada durante as oficinas do Projeto Batuclagem e consiste em dividir as crianças em trios. Duas delas, por sua vez, ficam com os braços esticados para cima com as palmas das mãos juntas, formando a toca de coelho. A terceira criança permanece no centro da toca, tornando-se o coelho. Outras crianças fazem o papel de coelhos sem tocas. Assim, com o sinal de um dos arte-educadores, os coelhos que possuem tocas devem sair delas e procurar outras, enquanto que aqueles que estavam sem tocas, da mesma forma, devem tentar arrumar uma para si. Os coelhos que não conseguem entrar numa toca devem responder uma pergunta referente à história. As perguntas eram:

1. Qual a fruta favorita do Lobo?
2. Em que lugar a vovó se escondeu?
3. O que a Chapeuzinho estava levando para a vovó?
4. O que o Lobo fazia que cheirava mau?
5. Como estava o rio?
6. O que é reciclar?
7. O que é reduzir?
8. O que é reutilizar?
9. O que o Lobo montou na floresta?
10. Quais são as cores para cada tipo de material?

**Imagem 4 e 5:** Brincadeira *Toca do Coelho* sendo executada em oficina na ONG Pequeno Cidadão, São Bernardo do Campo. 16.09.2015.



Fonte: Acervo do Projeto Batuclagem – Ano: 2015

Cabe destacar que se trata de perguntas de memorização, muito embora não seja objetivo do Projeto fazer com que os participantes decorem respostas. Percebe-se, entretanto, que o ato de responder questões se tornou uma espécie de castigo para quem não encontrasse sua toca. Ou seja, quem não fosse rápido o suficiente para encontrar um espaço para si tinha que “pagar” respondendo uma questão que envolveria exclusivamente sua memória quanto à história contada.

Deve-se considerar, além disso, que nem todas as crianças haviam memorizado as informações específicas que foram a elas questionadas e, neste sentido, que foram constrangidas a afirmarem publicamente “eu não sei”, ou permaneciam em silêncio (algumas rindo – demonstrando o quanto estavam envergonhadas pelo modo de falar ou com gestos, tentando esconder-se; outras visivelmente constrangidas, mantendo a seriedade e procurando deixar de ser o centro da atenção pública).

Uma versão diferente deste jogo didático que poderia trazer mais cooperação e auxílio mútuo para o momento de responder as questões poderia ser alcançado com uma mudança nas regras. Os trios poderiam ser agrupados em duas equipes. A brincadeira aconteceria normalmente, mas no momento em que fosse exigida a resposta do estudante – resposta que ele poderia não saber responder - ele poderia consultar sua equipe e, ele mesmo trazer a resposta.

Em Educação não formal as situações devem ser construídas coletivamente. As próprias regras devem ser erigidas pelo grupo, na participação comunitária, vindo a ser estabelecidas segundo a vontade daqueles que estão envolvidos com o processo. Neste

sentido, o Projeto Batuclagem não fomenta a autonomia dos estudantes, pois a oficina é organizada previamente e aplicada segundo prescrito pelos educadores.

Vygotsky (2014b), ao escrever sobre desenvolvimento e aprendizagem, defende que é necessário haver um nível de dificuldade maior do que o aprendiz consegue realizar sozinho, para que, por meio do auxílio do educador, possa haver a superação da dificuldade apresentada. Isto também se aplica à questões de memorização. Então, ao invés de apenas oferecer as questões concernentes à memorização da história, era necessário oferecer também elementos que potencializasse a lembrança do ocorrido: contar parte da história anterior, lembrar as consequências do uso do objeto que se faz menção etc. No caso da memorização de conceitos, considerando que estudantes até a pré-adolescência, segundo Vygotsky, não os desenvolve senão por meio da aplicabilidade deles, a brincadeira – enquanto instrumento de memorização – deve oferecer situações em que estes conceitos possam ser úteis, na função em que se prestam a atender a necessidade humana.

Há também a brincadeira de *mímica*. As crianças recebem uma palavra referente à história e tinham que gesticular para as demais crianças, sem utilizar a fala para isto. Quem acertasse, teria o direito de vir fazer a próxima mímica<sup>4</sup>.

A linguagem é, para Vygotsky (2008), o signo por excelência. É a principal ferramenta para organização do pensamento, além de servir como meio fundamental para mediar as relações humanas e os processos superiores do pensamento. A brincadeira de mímica apropria-se da linguagem gestual e dos signos comuns aos participantes para expressar os conceitos trabalhados pelos arte-educadores por meio da contação de história.

Além disso, permite o desenvolvimento da criatividade e de outras linguagem para expressar em que se pensa. É uma brincadeira que estimula sentimentos, criatividade, atenção e percepção audiovisual. Da mesma forma, desenvolve memória, cognição e expressão corporal.

Segundo os arte-educadores envolvidos no Projeto Batuclagem deste ano, foram escolhidas vinte palavras relacionadas à história contada. Esta brincadeira, segundo eles, tem a função de ajudar as crianças a memorizar os detalhes da história. Do ponto de vista teórico, as palavras escolhidas para esta brincadeira podem se tornar signos de referência para a

---

<sup>4</sup> Palavras chaves: vovó; cesta; goiaba; banana; garrafa pet; floresta; reciclagem; capa (chapeuzinho); livro; caçador; armário; casa da vovó; uva; água; lixeira; flor; música; caneca; mãe; planeta; reduzir; reutilizar.

história contada e a mímica delas possibilita ao participante um referencial para as situações nas quais elas foram empregadas na história.

O que se percebe é que as palavras referentes aos conceitos em educação ambiental (reciclagem, reduzir, reutilizar) impuseram uma dificuldade maior tanto para aquele que a gesticula quanto para os que procuram acertar a palavra. Isto porque os conceitos científicos são desenvolvidos na infância a partir da sua aplicabilidade (VYGOTSKY, 2014b). E, por falta de conhecimento prévio sobre estes conceitos, além da ausência da sua aplicabilidade em situações cotidianas, os estudantes tiveram mais dificuldades em apresentá-los.

A brincadeira de *estátua* também tem um formato diferente. Enquanto a Chapeuzinho permanece de costas, as crianças podem tentar pegá-la e se ela virar de frente para as crianças, todas devem permanecer paradas como verdadeiras estátuas, caso contrário, são desclassificadas. Este jogo trabalha a atenção e a coordenação motora. Não há uma conexão direta com os temas trabalhados na oficina, mas potencializa o desenvolvimento motor da criança, uma vez que exige a permanência dela numa mesma posição por um período. Além disso, propicia a atenção ao inusitado e o trabalho corporal.

Segundo a perspectiva de Vygotsky é um tipo de brincadeira classificada como “faz de conta” e ajuda no desenvolvimento da abstração infantil. Entretanto, não há qualquer elemento da realidade cotidiana dos estudantes envolvida com ela, não necessitando, portanto, da imitação do mundo dos adultos, que é, para ele, um fator preponderante para o desenvolvimento superior infantil, muito embora, uma vez que cada brincadeira corresponde aos interesses da idade em que ela se manifesta, exigindo habilidades específicas desta idade correspondente, ela tem sua valia. Neste sentido, Vygotsky categoriza este tipo de brincadeira como aquelas que elaboram tanto a habilidade de deslocar-se no meio quanto de orientar-se nele (VYGOTSKY, 2010).

Há ainda outra brincadeira: divide-se o número de crianças em três grupos. Cada um destes grupos é representado por um animal – formigas, coelhos e onças. As crianças são pintadas como onças ou coelhos, ou recebem uma tiara que simula as antenas das formigas – lembrando que o “faz-de-conta” privilegia o processo de desenvolvimento da abstração (VYGOSKY, 2014a).

**Imagem 06 e 07:** Brincadeira que ensina a criança conceitos como separação de lixo  
Escola Carli



Pede-se que cada grupo pegue um tipo específico de material que está no chão (que já foi anteriormente colocado na sala, estrategicamente escondido) e os jogue nas latas<sup>5</sup> correspondentes – plásticos na lata vermelho; papel na lata azul; metal no amarelo; e vidro no verde. Cada grupo (representado por seu animal) deve cuidar de uma parte da limpeza (coelhos pegam os papéis, formigas pegam os metais, as onças pegam os plásticos e os arte-educadores pegam os vidros), e neste sentido, inclusive, os arte-educadores também são responsáveis por um tipo de material. Ganha os grupos que conseguirem colocar todos os dejetos espalhados no seu lixo correspondente. Nesta brincadeira, não apenas um grupo vencedor, mas todos podem ser.

Esta brincadeira, segundo a concepção de Vygotsky, se encaixa nas chamadas brincadeiras convencionais, pois além de organizar tanto a experiência interna quanto a externa, vincula-se a resolução de tarefas mais complexas. Um desafio é apresentado aos grupos: encontrar o lixo correspondente à cor da sua lata e depositá-lo nela. A mediação ocorre naturalmente: os estudantes que sabem as cores da separação de lixo auxiliam os colegas do seu grupo que não o conhecem. E, imitando a realidade, aprendem a colocar cada lixo em sua devida cor (FARIA, 2016).

Em toda a tarefa-brincadeira se insere como condição obrigatória a habilidade de coordenar o seu comportamento com o comportamento dos outros, de colocar-se em uma relação dinâmica com outros participantes, de atacar e defender-se, de prejudicar e ajudar, de prever o resultado do seu desenrolar no conjunto global de todos os participantes da brincadeira. Esse tipo de brincadeira é uma experiência coletiva viva da criança e, neste sentido, é um instrumento absolutamente insubstituível de educação de hábitos e habilidades sociais (Vygotsky, 2010, p. 122).

Vygotsky (2010) defende que, brincadeiras como esta auxiliam na elaboração e no polimento de formas delicadas no convívio social. Resulta na elaboração de habilidades para

---

<sup>5</sup> Estas latas de tinta foram customizadas e produzidas para o Projeto Batuclagem a fim de simular a separação de lixo. Foram encapadas com papel autoadesivo com as cores correspondentes da separação de lixo, pelos próprios arte-educadores.

uma orientação social adequada, pois ao subordinar o comportamento às regras convencionais, esta brincadeira se torna uma estratégia para o ensino de um comportamento racional e consciente.

No conceito de educação não formal de Gohn (2015), está previsto o ensino de direitos e deveres coletivos, que incentiva a participação em agrupamentos sociais. Considerando que, as brincadeiras infantis imitam a realidade dos adultos, os grupos formados pelas *formigas, coelhos e onças* são prefigurações dos agrupamentos sociais, com relação aos interesses em comuns e identificação social. Desta forma, uma vez que esta brincadeira fomenta uma participação coletiva, de auxílio mútuo, na resolução de um problema em comum daquele grupo ou em prol de um mesmo objetivo, torna-se um instrumento de incentivo à cultura política.

### **Considerações Finais**

As brincadeiras são profícuos mediadores de conceitos científicos segundo a teoria de Vygotsky e dos demais autores supracitados, pois lidam tanto com o universo lúdico das crianças quanto com os seus instrumentos superiores. A criança vive em seu próprio universo.

As brincadeiras são, enquanto jogos pedagógicos, capazes de auxiliar no desenvolvimento do educando, privilegiando sua atenção, disciplina, coordenação motora, iniciativa, sociabilidade, enfim, diversas características que propiciam o desenvolvimento humano. Jogos e brincadeiras simulam a realidade e permitem que crianças se posicionem frente aos seus desafios, tornando-se autônomos em seu processo de aprendizagem. Além disso, facilita interação social, tornando o compartilhamento de experiências culturais numa experiência única e deletosa.

Os resultados da presente investigação indicaram que os instrumentos pedagógicos do Projeto Batuclagem são eficazes no ensino de ciências para crianças e adolescentes até 13 anos. A brincadeira traz conhecimento com entretenimento, permitindo que situações coletivas sejam vivenciadas pelos participantes e, por meio da interação social, o conhecimento pode ser compartilhado com o outro. O brincar amplia as relações humanas, o desenvolvimento da autonomia do indivíduo e a vivência necessária para que o participante pratique o que ouviu através da simulação da realidade que as brincadeiras propiciam.

Por fim, o brincar propicia as funções superiores com relação à imaginação, memória, atenção. Exigem das crianças respostas novas a cada instante, coordena suas atitudes a partir

de normas sociais estabelecidas por elas mesmas, sociabilizam-nas em relações que promovem qualidades sociais.

### **Agradecimentos e apoios**

Reiteramos nossos profundos sentimentos de gratidão à Universidade Federal do ABC, à CAPES<sup>6</sup> e a equipe do Projeto Batuclagem.

### **Referências Bibliográficas**

DIETRICH, Ana Maria; PETERSEN, Simone (org). **Batuclagem e a magia das histórias: Chapeuzinho verde e outros contos**. Santo André: UFABC, 2014.

FARIA, Luiz Henrique Portela. **A contação de história como estratégia de ensino em educação não formal: análise do Projeto Batuclagem (UFABC)**. 233 p. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do ABC. Santo André, 05.08.2016.

GOHN, Maria da Glória M. Educação não formal no Brasil: anos 90 in **Cidadania: Revista do Grupo de Estudos sobre movimentos sociais**. n° 10. Campinas: Unicamp, novembro de 1997.

\_\_\_\_\_. Educação não formal: um novo campo de atuação in **Ensaio: Revista de Avaliação e políticas públicas em Educação** n. 21, vol. 6. Rio de Janeiro: Fundação Cesgranrio, 1998, pp. 511-526.

\_\_\_\_\_. **Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. São Paulo: Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_. A Educação não formal e a relação escola-comunidade in **Eccos: Revista Científica**. n° 2, vol. 6. São Paulo: Uninove, 2004. pp. 39-65.

\_\_\_\_\_. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas In **Ensaio: Revista de Avaliação e políticas públicas em Educação** n. 14, vol. 50. Rio de Janeiro: Fundação Cesgranrio, 2006a, pp. 27-38.

\_\_\_\_\_. Educação não formal na pedagogia social in **Anais do 1º Congresso Internacional de Pedagogia Social**. Março, 2006b.

\_\_\_\_\_. **Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social** [Versão eletrônica]. Rio de Janeiro: Meta Avaliação, 2009, v.1, p. 28-43.

\_\_\_\_\_. **Educação não formal e o educador social**. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. **Educação não formal e no campo das artes**. São Paulo: Cortez, 2015.

---

<sup>6</sup> Esta pesquisa foi financiada pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) por meio da Bolsa de Demanda Social da UFABC, dentro do período de 12 meses.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. 1a ed. São Paulo: Pioneira, 1994.

\_\_\_\_\_. **A importância do Brincar**. Univesp TV, 2010. Entrevista concedida ao Tatiana Bertoni. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=09w8a-u-AUU>

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2011.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia da arte**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo. Martins Fontes, 1999a.

\_\_\_\_\_. **O desenvolvimento psicológico na infância**. Trad. Claudia Beliner. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

\_\_\_\_\_. Manuscrito de 1929 In **Educação e Sociedade**: revista quadrimestral de Ciência da Educação/Centro de Estudos Educação e Sociedade (Cedes) n. 71. Campinas: Cedes, 2000, pp. 21-44.

\_\_\_\_\_. **A construção do pensamento e da linguagem**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **A formação social da mente**. Trad. José Cipolla Neto. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Psicologia Pedagógica**. Trad. Paulo Bezerra. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Imaginação e criatividade na infância**. Trad. João Pedro Fróis. São Paulo: Martins Fontes, 2014a.

\_\_\_\_\_. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Trad. José Carlos Santa Luzia. São Paulo: Ícone Editora, 2014b.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.